



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **PERCURSOS IDENTITÁRIOS E HOMOAFETIVOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DE “O TERCEIRO TRAVESSEIRO” E “CONFISSÕES AO MAR”**

**José Carlos Ribeiro Pereira – UEPB**

**Maria Suely da Costa – UEPB**

#### **RESUMO:**

A produção literária brasileira de temática homoafetiva vem contribuindo para a quebra de estereótipos e se colocando como um material de reflexão sobre as relações sociais, na medida em que leva o leitor a refletir e agir contra o preconceito legitimado em discursos que pregam a heteronormatividade e a enxergar o direito da liberdade de expressão sexual como parâmetro para o fortalecimento do respeito às diferenças. Dessa forma, ao dar voz a grupos ou minorias que foram (e ainda são) excluídos, o texto literário instiga o debate e se revela capaz de contribuir para a formação do sujeito, bem como para a construção de sua identidade. Nessa perspectiva, este trabalho pretende, através de uma leitura comparativa entre as obras “O Terceiro Travesseiro” de Nelson Luís de Carvalho, e “Confissões ao Mar”, de Kadu Lago, identificar o processo de construção de identidade e autoafirmação do sujeito enquanto homossexual, bem como o enfrentamento ao preconceito familiar e social pelo qual passam os personagens, de modo a identificar semelhanças com a realidade. Em função disso, o estudo pretende estabelecer diálogos entre as duas produções, no sentido de tecer considerações acerca da visão de cada narrador sobre a temática e da linguagem empregada nos textos, pontuando divergências e semelhanças. Utiliza-se a teoria *queer* como referencial teórico. Com essa abordagem, o trabalho anseia por contribuir com os estudos voltados especificamente para as questões sociais que envolvem sofrimentos, dúvidas e preconceitos pelos quais passam as pessoas no enfrentamento ou aceitação de sua identidade sexual, movidas pelo desejo de ser e estar no mundo sem que sejam discriminadas.

**Palavras-chave:** Identidade. Homoafetividade. Sociedade.

#### **INTRODUÇÃO:**

A sociedade incentiva diversos modelos de convivência e prega a defesa àqueles que, em determinado contexto histórico, parecem ser os mais adequados e aceitáveis perante o outro. Com isso, na medida em que defende alguns comportamentos, tende a excluir as pessoas que não aderem a eles, marginalizando-as e encarando-as como anormais. Uma dessas normas, difundidas dentro da sociedade do século XXI é aquela que entende e



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

considera a família ou a prática sexual somente dentro de um pensamento hétero como a adequada para todos. Nessa perspectiva, essa forma de pensar é classificada como heteronormatividade, entendida como:

(...) a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)s). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais. (FOSTER, 2001, p. 19).

A partir desse pensamento, a heterossexualidade intenciona padronizar a constituição da família, as relações humanas e as formas de relacionamento sexual. Assim, temos um padrão que entende ser a mulher feita para o homem, já que os dois são os únicos responsáveis por formar uma família, ou seja, gerar filhos e educá-los. Tudo o que for alheio a isso, começa, então, a ser visto com maus olhos, precisa ser negado. Mas, sendo assim, como agir diante dos casais homossexuais, da família formada com outros padrões? É quando se começa a enxergar as faces do preconceito e da violência como resultado dessa prática discursiva.

Parece ser comum observar casais externando o amor e as formas de carinho em toda parte, seja nas ruas, na escola, na igreja, enfim, em diversos espaços sociais, no entanto, chama a atenção a forma como os homossexuais são observados, quase sempre com um olhar de reprovação ou de espanto, tanto que não é tão comum encontrar dois homens ou duas mulheres de mãos dadas pelas ruas, o que, para a forma heterossexual de ver o mundo, é entendido como um atrevimento, um desrespeito à família e às próprias crianças que, de algum modo, não podem ver tais coisas para não reproduzi-las, como se essas formas de amar se reduzisse a uma questão de ver e fazer.

Este trabalho, portanto, pretende romper com essas barreiras de preconceito, ao considerar dois relacionamentos homoafetivos como forma de luta contra velhos discursos que teimam em se perpetuar, sobretudo dentro da família, instituição mais importante para a vida da pessoa, de onde ela retira ensinamentos e busca apoio em suas decisões, mas que nem sempre se revela capaz de corresponder ao desejo do outro, optando por condená-lo e



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

menosprezá-lo como um problema ou mal que merece ser extirpado. Dessa forma, é olhando para os personagens de duas famílias em dois romances distintos que conseguiremos entender como age a sociedade diante do relacionamento e tendências homossexuais.

### **1. O ABANDONO DO BINARISMO SEXUAL EM “O TERCEIRO TRAVESSEIRO”**

O Terceiro Travesseiro, livro de Nelson Luís de Carvalho, tem um enredo que, segundo o autor, é baseado em fatos reais, e narra a história da descoberta da identidade homossexual de Marcus e Renato, dois rapazes da classe média paulistana que, assim como tantos outros, sofrem o preconceito por transgredirem as normas sexuais impostas por alguns setores da sociedade. Longe de ser apenas mais uma obra dentro da literatura com temática *gay*, a história traz um terceiro personagem para compor essa relação, caminhando também pelo universo da bissexualidade. Nesse sentido, o romance desvincula-se e opõe-se ao que é difundido pela ideia do binarismo sexual:

A diferença homo/hetero não é só constatada, mas serve, sobretudo, para ordenar um regime das sexualidades em que os comportamentos heterossexuais são os únicos que merecem a qualificação de modelo social e de referência para qualquer sexualidade. Assim, nessa ordem sexual, o sexo biológico (macho/fêmea) determina um desejo sexual unívoco (hétero), assim como um comportamento social específico (masculino/feminino). Sexismo e homofobia aparecem, portanto, como componentes necessários do regime binário das sexualidades. A divisão dos gêneros e o desejo (hétero) sexual funcionam, de preferência, como um dispositivo de reprodução biológica de espécie. A homofobia torna-se, assim, a guardiã das fronteiras tanto sexuais (hetero/ homo) quanto de gênero (masculino / feminino) (BORRILLO, 2010, p.16).

Os homofóbicos, ao se acharem superior por esbanjar uma vivência binária na qual homens e mulheres se relacionam com a benção de um grupo que entende ser essa a formação perfeita, agem com desprezo ou violência para com os homossexuais. A religião reforça esse discurso, ao dizer que Deus fez o homem para a mulher e não considerou nenhuma outra forma de união. Às vezes, inflamam o diálogo e acreditam ser necessário expulsar a “homossexualidade” do corpo de uma pessoa, tudo com intervenção espiritual. Com práticas tão frequentes como essas, não é de se espantar que muitos adeptos a tais crenças encarem as



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

relações homoafetivas como uma doença ou um ataque ao próprio Deus no qual eles defendem e acreditam fervorosamente. Contraditoriamente, há outros ensinamentos bíblicos que eles não consideram ao agir dessa maneira, mas fica claro que, ao aumentar essa aversão aos homossexuais, a própria igreja caminha para a exclusão e o preconceito.

Em “O Terceiro Travesseiro” o pensamento binário é completamente desconsiderado, dando lugar às relações em que é a atração e o amor que ditam os comportamentos entre os personagens. Assim acontece quando Marcus começa a sentir algo diferente pelo seu amigo Renato, mesmo que isso ainda esteja apenas dentro de si e longe de todos aqueles que consideram isso uma anormalidade:

Estou aqui, tentando estudar para a prova de português, mas não consigo prestar atenção na matéria. O que será que está errado? Será que tenho algum problema? Não é possível. Já sou um cara adulto, tenho dezesseis anos e sou normal. De qualquer forma, estes pensamentos são meus, gosto de tê-los e ninguém vai saber. (CARVALHO, 2003, p.03)

Marcus usa dois termos que merecem destaque: ao se questionar se há algum problema com ele e ao dizer que se considera normal. Por muito tempo, a homossexualidade foi tida como uma doença, ou seja, uma anormalidade do ser humano. Como herança disso, é possível encontrar pessoas que reproduzam esse discurso ao tratar da temática, sobretudo aquelas menos informadas e que foram educadas para a heteronormatividade. Mesmo com essas dúvidas que aparecem no início da obra, Marcus se revela crítico sobre a situação e entende que a condenação de um relacionamento entre pessoas do mesmo sexo parece não ter explicação científica, nem muito menos religiosa:

Certa vez, numa roda de amigos, alguém disse que na Bíblia está escrito que Deus condena relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. Acho tudo isso muito estranho, pois também disseram que os anjos não têm sexo. No fundo, essas leis que condenam tudo isso são de Deus ou do homem? (CARVALHO, 2003, p. 04)

Não se pode hesitar em dar uma resposta a Marcus: essas leis que condenam o ser humano pelo seu comportamento não são criados por entidades divinas, mas pelas pessoas que fazem a interpretação delas da forma como lhe cabe ou lhe convém. Assim, quem delas faz uso, não leva em consideração contextos histórico ou realidades diversas, mas o que



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

pretende tornar verdade diante do outro ou daqueles que o seguem. A estranheza do personagem ganha respaldo junto a todos aqueles que são, inclusive, impedidos de frequentar determinadas igrejas porque elas próprias os condenam e estabelecem normas às quais devem aderir, tudo dentro de uma realidade que exclui e em nada dialoga com “amar ao próximo como a si mesmo”, ensinamento que também é bíblico, mas pouco se observa nesses casos.

Marcus revela ter desejos acumulados por outros homens há algum tempo. Com dois anos depois de sentir tantas atrações, é que ele tem o seu primeiro contato sexual com Renato, mesmo que tudo não passasse de um momento no qual os dois nem soubessem definir. O romance descreve os momentos de sexo entre os dois de maneira muito fiel, inclusive com um vocabulário, de certo modo, exagerado. O exagero, no entanto, se revela como uma forma de narrar as vivências de tudo o que foi negado durante uma parte de sua vida, período no qual apenas os pensamentos é que correspondiam as verdadeiras vontades de Marcus, que também rompe com estereótipos colocados sobre os *gays*, quando cita que: “É interessante como as pessoas fazem juízo errado de caras como eu. Quando se pensa em alguém assim, logo se imagina que o cara gosta de se vestir de mulher, gosta de ‘dar’ e gosta de qualquer homem, e isso, pelo menos para mim, não é verdade.” (CARVALHO, 2003, p.10) Com esse discurso, o personagem não se associa a uma identidade homossexual que deseja se aproximar de características femininas, mas de quem simplesmente gosta de alguém e deseja viver isso sem reprovações.

Um dos momentos mais cruciais do romance é o momento no qual, tanto Renato quando Marcus, resolvem contar para os pais que são *gays*. Enfrentar uma situação como essa não é fácil para ninguém, imagine para um adolescente que acaba de se aceitar como alguém que gosta de pessoas do mesmo sexo e querem viver essa realidade. A reação da família gera dúvida, medo de ser incompreendido, rejeitado, enfim, eram esses os pensamentos que pairavam sobre os personagens, sobretudo porque os pais são as figuras mais importantes na vida de uma pessoa, responsáveis por educar os filhos e esperar deles comportamentos que correspondam a isso.

É comum que as crianças vivam e cresçam dentro de uma realidade heteronormativa. A presença de outras expressões sexuais durante a juventude foge a isso, e pode, portanto, não agradar. Assim acontece quando Marcus resolve contar aos seus pais sobre sua sexualidade,



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

uma situação muito complicada, sobretudo quando o pai diz que “a minha maior preocupação era o seu envolvimento com drogas, e já que bicha você também não é, não existe coisa pior.” (CARVALHO, 2003, p. 21). O termo utilizado pelo pai revela, por si só, a face mais cruel do preconceito. Ouvir isso não foi fácil para Marcus, mas também não o fez desistir. Assim que contou para os pais, pôde sentir o quanto eles ficaram decepcionados. Enquanto a mãe chorava, o pai deu-lhe um soco.

Para a família, uma notícia como essa parece marcar um rompimento com a educação que foi dada aos filhos. Por mais que sejam cada vez mais frequentes os relacionamentos homossexuais, os pais não imaginam (e nem querem) que seus filhos comecem a sentir atrações por pessoas do mesmo sexo. Eles desejam que suas crianças se tornem adolescentes, cresçam, namorem com alguém do sexo oposto, constituam uma família e sejam felizes. No entanto, nem sempre a felicidade pode ser encontrada dessa maneira. Marcus não a encontra assim, e seu pai parece sentir que tudo desabou diante dos seus olhos. Isso se torna visível quando ele relata os momentos vividos com o filho, usando um tom como se o tivesse perdido:

Lembra, Ana, quando o Marcus tinha três anos de idade? Eu tocava a campainha e ele já vinha gritando: 'Mamãe! Mamãe! É o papai. Abre a porta. Mamãe! Mamãe!' E quando eu entrava, ele vinha correndo para o meu colo. E na hora de dormir? Lembra, Ana? Pelo menos cinco historinhas por noite. Não tínhamos mais o que contar. O papai Noel já se misturava com a Chapeuzinho Vermelho, que encontrava os Três Porquinhos e que iam todos viajar no tapete mágico. Ana? Lembra da caneta no Dia dos Pais? Ele me deu de presente, dizendo: 'Marquinho presente papai', Lembra Ana? Era só eu esquecer a caneta em algum lugar e lá vinha ele: 'Marquinho presente papai'. Ele achava que eu tinha que estar sempre com a caneta. (CARVALHO, 2003, p. 26)

No entanto, o pai de Marcus não demora muito a entender que seu filho está ali, junto com ele, debaixo do mesmo teto, da mesma maneira como sempre esteve, com as mesmas qualidades. Começa a entender que uma questão de sexualidade não pode interferir na boa relação que a família tem, que o filho precisa de apoio, não de rejeição. O pai de Renato, no entanto, não foi tão controlado assim. Durante a discussão que tiveram, Renato acabou sendo atingido por uma faca de cozinha e teve de ser encaminhado ao hospital. Essas atitudes diante da revelação da identidade homossexual dos filhos em nada se revelam exageradas ou



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

meramente fictícias. Muito sofrem os adolescentes desde o momento em que precisam externar esse sentimento, tanto que nem sempre é a família a primeira a saber, os amigos parecem desempenhar um papel até melhor para essas ocasiões, no entanto, são os pais os mais interessados na vida dos filhos e, portanto, merecem uma explicação, uma satisfação sobre o que acontece com eles, ainda que não concordem com algumas coisas. Por outro lado, é a sociedade – de fora – quem mais agirá com violência sobre pessoas.

### **2. O OLHAR DA FAMÍLIA DIANTE DA HOMOSSEXUALIDADE EM “CONFISSÕES AO MAR”**

Kadu Lago conseguiu, em *Confissões ao Mar*, tratar da temática homossexual de uma maneira muito sutil, construindo o enredo que traz o desenrolar de uma relação entre um modelo e um fazendeiro, em volta de muito preconceito, rejeição e reprovação familiar. Mateus é filho de um fazendeiro e tem profunda admiração pelo seu pai, além de ser evangélico e viver todos os preceitos e orientações religiosas pregadas tanto pela igreja quanto pela família, por quem nutre muito respeito. Com o tempo, ele começa a sentir desejos que não sabe explicar, mas não os vive, sufocando-os durante anos, até que encontra o colombiano Alejandro, com quem desenvolve uma relação especial e resolve, finalmente, assumir sua homossexualidade, tarefa nem um pouco fácil para ele, nem tampouco para a sociedade e a família. Certa vez, ao conversar com Alejandro, Mateus se revela preocupado com o que a sociedade pensaria do relacionamento entre os dois:

Vivemos em uma sociedade suja, de um passado e presente duvidosos, mas a mesma está sempre apontando nos outros a mesma sujeira que escondem debaixo dos tapetes. E não podemos viver como se ela não existisse, pois somos parte dela...Eu preciso de minha família, eu preciso da sociedade, da mesma forma como você também precisa de ambos. (LAGO, 2000, p. 142)

A preocupação de Mateus é a mesma de todos aqueles que têm medo de revelar sua identidade em função do preconceito que podem sofrer, da inferiorização e dos estereótipos, pois quando se dialoga e se insere em um espaço de iguais, o cidadão consegue viver mais tranquilamente, o difícil mesmo é ser diferente em um lugar onde os outros podem lhe



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

recriminar e até lhe achar inferior em virtude disso. É comum, por exemplo, que artistas e personalidades famosas tenham receio de assumirem-se como homossexuais com receio da repercussão. O inverso, no entanto, contribui para o impacto e aceitação social dessas pessoas. No Brasil, a representação do relacionamento entre personagens do mesmo sexo em novelas demorou muito a acontecer devido ao que o público poderia pensar e da forma como agiriam, mas, recentemente, com os reforços dessa temática na dramaturgia, o povo tem se acostumado e aceitado melhor essa realidade, já observada nas ruas e levada à televisão, gerando debates.

A relação entre Mateus e Alejandro não foi contada, mas revelada em família. Na ceia de Natal, todos estavam reunidos e, quando os dois, em determinado momento, vão ao quarto e se beijam, eis que Lucas, o irmão de Mateus, entra e vê a cena, tendo uma reação de espanto e briga em torno de expressões de desrespeito e preconceito:

- Então tu és gay, Matheus...o exemplo da família é um gay! Queria que o papai estivesse vivo para saber que o filho, que ele sempre colocou diante de tudo e de todos, é uma bicha.
- Se repetir, te quebro a cara!
- Então, o veado vai continuar dando uma de chefeão?
- Matheus não se controlou. Avançou em cima do Lucas e deu-lhe uma porrada no rosto. (...) Alejandro tentava controlar a situação quando todos entraram no quarto. (LAGO, 2000, p. 160)

Lucas nunca aceitou a boa relação entre Matheus e seu pai, já falecido. Sempre teve inveja do irmão, mas também deixava tudo nas mãos dele na fazenda, apenas assinava os papéis e vivia viajando com a família. O momento no qual ele descobre que Matheus é homossexual parece ser o que ele mais esperou durante sua vida – uma oportunidade de encontrar algum defeito naquele que comandava os negócios da família. Ao chamar o irmão de “veado” e “bicha” ele exterioriza a raiva, como também reforça o preconceito que a família, como reflexo da sociedade, teria contra o fazendeiro. Desse momento em diante, Matheus não mais conseguiu conviver com a família, sentindo-se culpado por uma situação que ele não escolheu viver, mas faz parte dele. Assim, praticamente expulso por aqueles que ele tanto amava, inclusive sua mãe, resolve viajar sozinho para o exterior e prefere não viver o amor que sentia por Alejandro. Matheus tenta fugir de algo que não se separaria dele, não foi capaz de suportar toda a pressão que as pessoas fizeram sobre ele:



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

-Meu colombiano, meu estrangeiro lindo, meu perdoe. Juro que não sou eu quem está nos separando...Tudo o que aconteceu, minha família...não tenho capacidade psicológica o bastante para segurar essa barra. Me perdoe! – E acrescentou: - Eu sempre amei você! (...) Nunca duvide disso. E depois de um breve silêncio. – Até um dia – Matheus beijou-o no rosto, esperando uma resposta que não ouviu. (LAGO, 2000, p. 184)

A fuga de toda essa situação parecia ser a opção para Matheus tentar superar a tristeza e a rejeição, mas a distância comprovou aquilo que ele não queria aceitar: o que havia entre ele e Alejandro, ninguém, por mais importante que fosse, conseguiria apagar, nem mesmo a distância a que ele recorreu. Com isso, decide voltar ao Brasil, depois de algum tempo na Espanha, disposto a enfrentar tudo e todos para viver o relacionamento. Mas, não havia mais tempo para isso, pois, ao chegar ao Rio de Janeiro, Matheus descobre que Alejandro foi vítima fatal durante um assalto na Praia de Copacabana, enquanto esteve distante. A dor e o arrependimento de Matheus não eram capazes de trazer aquele amor de volta. Com ele, a solidão se faria companheira durante muitos anos.

### **3. DIÁLOGOS ENTRE “O TERCEIRO TRAVESSEIRO” E “CONFISSÕES AO MAR”**

As duas obras estabelecem rumos diferentes para os seus personagens, mas também possuem ambientes e situações muito diferentes entre elas. Marcus e Renato, mesmo com a reprovação inicial da família sobre a relação entre os dois, conseguem apoio nela para superar o que viria dos outros. Isso contribui para que a revelação da identidade homossexual não significasse um ponto final nas relações mais importantes que os dois sempre cultivaram – o de um filho com os pais. Já Alejandro e Matheus parecem não ter a mesma sorte. Os pais de Alejandro se comportam quase que alheio a tudo na vida do filho e os de Matheus têm uma relação muito forte com os seus, havendo ainda laços de doutrina cristã evangélica que os uniam e padronizavam certos comportamentos. Para eles, a homossexualidade era algo abominável, um pecado mortal. Assim, Matheus não consegue ter a aceitação da família, caso quisesse manter o relacionamento com aquele que o amava.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A mãe e o irmão de Matheus desejam que ele escolha entre a família e Alejandro, não havia espaço para que ele vivesse os dois amores em união. O conflito se intensifica quando o próprio Matheus escolhe não viver nenhum dos dois, negando, inclusive, sua identidade e dando uma pausa em tudo o que vivia até aquele momento. A falta de apoio da família significou muito na vida do fazendeiro, outra história poderia ter sido escrita, mas o preconceito e a rejeição foram determinantes para o final desse romance. Por mais violento que os pais de Marcus e Renato tenham sido, eles entenderam que os filhos, independente de suas opções, sempre terão a mesma índole, o mesmo caráter, e não é uma identidade sexual que molda a vida de uma pessoa, ditando como deve agir ou ser a partir daquele momento, como a desconsiderar tudo o que viveu. A família de Matheus não assimilou dessa maneira e, ao renegar o filho, retirou dele toda a oportunidade que tinha de viver e ser feliz.

### **REFERÊNCIAS:**

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

FOSTER, David W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana**. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

BRITZMAN, Deborah. **“O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo”**. Educação e Realidade, v. 21 (1), p. 71-96, jan./jun. 1996.

CARVALHO, Nelson Luís de. **O Terceiro Travesseiro**. São Paulo. Ed. ARX, 2003.

LAGO, Kadu. **Confissões ao Mar**. São Paulo. EJLL Editor, 2000.



**X Colóquio Nacional Representações  
de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer – uma política pós-identitária para educação. Estudos feministas.** Segundo semestre, ano/vol.9, número 002, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, p. 541-553.